



## Lamento do ano

A suspensão da publicação do jornal *O RIO*, devido às enormes dificuldades financeiras com que se começou a debater nos últimos tempos.

AV1,  
in [alhosvedrosaopoder.blogspot.com](http://alhosvedrosaopoder.blogspot.com)

### Armando Teixeira

Seria uma perda inestimável perdermos o único espaço de opinião progressista nesta região.

AV2, in [alhosvedrosaopoder.blogspot.com](http://alhosvedrosaopoder.blogspot.com)

Estamos cada vez mais pobres, neste paupérrimo concelho!

### Adriano Encarnação

É com tristeza que leio a suspensão do jornal *O RIO*

(...) estou incondicionalmente ao seu dispor para qualquer estratégia que seja estabelecida para dar continuidade a *O RIO* de todos nós.

### Vítor Cabral

O Jornal "*O RIO*" criou raízes bem fundas no concelho da Moita, e em especial na freguesia de Alhos Vedros.

### Manuel M. Duarte

Fui, ontem, surpreendido com a triste notícia, que o jornal tinha acabado.

Caso V. Exa vier em futuro próximo a voltar a dirigir um jornal, teria muito gosto em voltar a ser vosso colaborador.

### Helena S. Freitas

Foi com pesar que soube do final da edição impressa de "*O Rio*".



**Última edição impressa em 1 de Janeiro de 2006**

## Comentário

# Solidariedade

José de Brito Apolónia  
Director de *O RIO*

É bom ter amigos. Sobretudo em alturas de 'abatimento', é reconfortante sentirmos o apoio solidário dos amigos. Ajuda-nos a ultrapassar os 'maus momentos' e a refazer a auto-estima.

Ainda não tínhamos divulgado a suspensão da publicação do jornal *O RIO* e já o Armando Teixeira estava a adivinhar o desfecho e a manifestar-nos a sua solidariedade.

Com o anúncio da última edição de *O RIO*, muitas foram as pessoas que manifestaram desgosto e pesar pela 'morte' do jornal. Via Internet, recebemos,

de alguns colaboradores, e-mails no mesmo sentido. O blog <[alhosvedrosaopoder.blogspot.com](http://alhosvedrosaopoder.blogspot.com)>, de Alhos Vedros, foi um irmão em apoio de *O RIO*.

Inclusive, há um pequeno grupo de meia dúzia de amigos do Barreiro, assinantes e colaboradores de *O RIO*, que aproveitam as quintas-feiras para se encontrar e, em tertúlia, darem sentido à vida, convivendo e falando de tudo o que lhes desperta interesse. Na última 5ª feira, fui o convidado, para lhes falar da real situação de *O RIO*. Fiquei ainda mais próximo deste grupo de amigos.

*O RIO*, que sempre procurou ser um jornal independente e

pluralista - '*O RIO* é de todos', costumávamos dizer - tem recebido diversas mensagens de pessoas de vários quadrantes sociais e políticos. A maior frieza sinto-a na minha família política, o que constitui outra forma de pesar.

Significativo é também o facto de o maior número de mensagens recebidas ser de Alhos Vedros, terra onde *O RIO* nasceu.

Aproveitamos a forma on-line do jornal *O RIO* para dar a conhecer aos nossos leitores algumas das mensagens de solidariedade que recebemos após ser conhecida a suspensão do jornal.

A todos muito obrigado.



## O Rio ainda não chegou à foz

A Direcção da CACAV

Foi com grande consternação que recebemos a notícia que *O RIO* tinha deixado de 'correr'.

O anúncio da suspensão da publicação do jornal *O RIO* deixou-nos mais pobres, em termos de informação, de comunicação, de espaço cultural, de notícias sobre o pulsar do nosso concelho.

A CACAV vem desta forma manifestar a sua solidariedade

para com a Direcção, Redacção e Colaboradores do Jornal, desejando que *O RIO* volte a 'correr', retomando o seu rumo.

Disponibilizamo-nos desde já, para que em conjunto com todas as vontades existentes, conjuguemos esforços, a fim de serem criadas as condições para que *O RIO* volte às nossas casas, às Colectividades, às Escolas e às ruas do concelho da Moita.

Ao afirmarmos que "*O RIO*

ainda não chegou à foz" significa, em nosso entender, que ainda não se esgotou, como um espaço de expressão e de liberdade, no âmbito da imprensa local.

Nesta hora difícil, queremos também endereçar-vos os nossos agradecimentos, pela divulgação e reportagem, que *O RIO* sempre fez, sobre as actividades da CACAV.

Até breve!

AV2, in [alhosvedrosaopoder.blogspot.com](http://alhosvedrosaopoder.blogspot.com)

A notícia do término de *O RIO* abalou-me com a mesma força com que se perde um amigo de longa data.

### Vítor Barros

Estão de parabéns certos órgãos autárquicos do concelho. Continuem assim. Os imbecis agradecem.

### Luís C. Guerreiro

Infelizmente sinto que me está a acontecer a mim o que aconteceu a *O RIO*. A extinção por falta de apoio. Que viva *O RIO!*

### Carlos Vardasca

O jornal "*O RIO*" chegou à sua foz empurrado numa corrente que se advinhava tempestuosa, e que obedece a uma lógica de anulação das diferenças.

(...)

Em nome das pessoas que ao longo de oito anos se habituaram quinzenalmente a folhear as páginas do jornal "*O RIO*", por respeito pela diversidade de opiniões que nele foram emergindo e por respeito pela cidadania que ajudou a cimentar, espero que a interrupção da sua publicação não seja eterna, e que volte para que nele voltemos a exprimir a nossa indignação pelas desigualdades que se vão acentuando no país.

## Amigo solidário



Armando Teixeira  
Barreiro

Comuns votos de um melhor 2006, para ti e para *O RIO*.

Seria uma perda inestimável perdermos o único espaço de opinião progressista nesta região.

Para além da modesta colaboração, estou ao dispor para colaborar em acções concretas na defesa de *O RIO*, que tal como o Sol, nasce e corre para todos.

## Com pesar



Helena Freitas  
Setúbal

Sei que o jornal vai continuar na Net, mas...

Já agora, gostava de lhe perguntar como faço para aceder às edições de Setembro, Outubro e primeira quinzena de Novembro em pdf.

São cinco edições. Cheguei a tê-las, mas tive um problema com o arquivo electrónico e perdi-as.

Uma vez que já não estão online, posso solicitar o envio por e-mail?

Já agora, de quando data a primeira edição em pdf?

Um abraço.

Caro Sr. Brito Apolónia:

Foi com pesar que soube do final da edição impressa de "*O Rio*".

Assim, e embora lhe deseje um excelente 2006, sinto que o ano começa com alguma tristeza.

## O Rio e o foral de Alhos Vedros

AVI  
in alhosvedrosaopoder.blogspot.com

Já se encontra *online* e nas bancas *O Rio* da próxima quinzena com uma excelente cobertura das comemorações do 491º aniversário do foral de Alhos Vedros (ver pp. 4-5).

A ler com toda a atenção, desejando-se que o estudo apresentado por José Manuel Vargas mereça uma, mesmo que singela, publicação pela JFAV.

Infelizmente, parece ser esta a última edição desta publicação que durante oito anos nos acompanhou e à vida social, cultural e política do concelho.



## O Foral de Alhos Vedros

José Manuel Vargas  
historiador - Lisboa

Exmº Sr. Director do Jornal *O RIO*.

Muito agradeço o destaque e o rigor da notícia sobre a sessão comemorativa do 491º aniversário do foral de Alhos Vedros.

## O Rio, a nossa homenagem

AV2  
in alhosvedrosaopoder.blogspot.com

A notícia do término de *ORIO* abalou-me com a mesma força com que se perde um amigo de longa data... é com lágrimas nos olhos que me despeço deste meu amigo, para o qual colaborei e de que possuo a colecção inteira.

Ao Srº Brito ao Srº Lourivaldo e especialmente ao Srº Marmota que fazia a sua distribuição

de bicicleta pelas ruas de Alhos Vedros um grande e sentido abraço de eterna saudade!

Se de alguma maneira possamos fazer com que o projecto "*O RIO*" não morra é só dizerem-nos como poderemos colaborar com isso!

Fica aqui prometido uma reportagem especial para depois do Ano Novo com o histórico do Rio e uma recolha das melhores matérias por esse grande jornal,

publicadas!

Como sempre venceu a mediocridade e o que resta agora no concelho da Moita são o AVP e os outros *Blogs* amigos que ainda fornecem uma informação Independente, porque não consigo ver o jornal gratuito que por aí circula como um projecto jornalístico... pelo menos até agora pouco o tem sido!

Estamos cada vez mais pobres, neste paupérrimo concelho!

## Reclamação

Manuel Norberto Forte  
Fonte da Prata

Parafrazeando (não abusivamente) o título de um matutino de 1/1/06, convém vincar que, também deverá ser uma reclamação o encerramento, ou a perspectiva de, uma publicação concelhia.

Vem *isto* a propósito do possível encerrar do Jornal "*O Rio*". Goste-se ou não, o atavismo, e o cortar de uma voz não será, cer-

tamente, motivo de satisfação ou pura e simplesmente, *forma de estar*.

Num tempo de exigência, em que muitos não sabem como foram parar ao lugar onde estão, a informação (agrade-nos, ou não), é ... fundamental.

Num tempo em que muitos Concelhos deste País à beira mar plantado, apoiam "vozes Concelhias" (o que não é nenhuma ilegalidade, ou perversão), no Concelho da Moita, sito na Área Metropolitana de Lisboa, perspectiva-se (!?) o encerramento de um Jornal.

Sem palavras se tal for consentido, e as pessoas desejarem assim, "falar" a uma só voz. Temos os jornais partidários e demais publicações (eu leio-as); não busquemos a idolatria (através da escrita, ou sua influência).

Que não se confunda identidade, com identificação.

## O desaparecimento de O Rio

AVP  
in alhosvedrosaopoder.blogspot.com

A partir de amanhã iremos inserir alguns depoimentos sobre o desaparecimento anunciado do jornal *O Rio*, pouco depois de ter completado oito anos de existência.

Já temos em carteira um texto do Vítor Barros e o nosso pró-

prio testemunho sobre o histórico da relação do AVP com aquele que era o único órgão de comunicação social digno desse nome no concelho.

Todos os que quiserem eventualmente colaborar, também nos podem enviar o seu contributo, ajudando a perceber melhor o que se perde com o desaparecimento do jornal diri-

gido pelo senhor Brito Apolónia, vítima do sectarismo cego e de um estrangulamento económico fácil de consumir em meios pequenos e abafados pela *mão pesada* do Pensamento Único, quando os arautos do Politicamente Correcto também preferem *calar-se para não colocarem em risco as suas capelinhas*.

## Surpreendido com a suspensão de O Rio



Manuel M.  
Duarte  
Lisboa

Exmo Sr. Brito Apolónia

Fui, ontem, surpreendido com a triste notícia, que vinha em *ORIO* de 1 de Janeiro, que o jornal tinha acabado.

Ao terminar a minha colaboração com ele, que julgo ter tido aspectos inéditos e positivos,

resta-me despedir de V. Exa, agradecendo a benevolência com que sempre aceitou os meus escritos.

Caso V. Exa vier em futuro próximo a voltar a dirigir um jornal, teria muito gosto em voltar a ser vosso colaborador.

# Como se liquida um jornal



Carlos Vardasca  
Alhos Vedros

É hoje inquestionável para a generalidade dos sectores de opinião do nosso concelho, de que o jornal "O RIO" era uma voz de referência que se foi afirmando ao longo dos seus oito anos de vida, abrindo as suas páginas a vastas sensibilidades. Era um jornal que aos poucos se ia libertando das "algemas" que lhe haviam colocado inicialmente aqueles que pensavam vir a fazer dele sua propriedade.

Era um jornal que (em minha opinião) apesar de em períodos eleitorais se colar por vezes com algum excesso ao poder autárquico instituído, por razões que estavam relacionadas com a sua própria sobrevivência associada à dependência económica que lhe estava inerente, era no entanto uma voz que gradualmente se ia recusando a ser mais um "órgão oficial" abrindo-se à sociedade em permanente mudança, rejeitando a "mera casete ideológica" que prolifera na maioria dos jornais regionais ditos independentes.

Foi nesta necessidade gradual de liberdade e de se prestar a servir as pessoas e não as lógicas instituídas por decreto partidário, que fizeram do jornal "O RIO" mais uma das suas vítimas, deixando o concelho mais pobre em termos informativos, deixando a sua população prisioneira de um certo jornalismo mercantilista e das publicações propagandísticas municipais,

cujas páginas, preches de galerias de fotos anunciando algo que sabem não poder concretizar, mais parecem os folhetos que os exércitos de distribuidores de publicidade nos despejam nas nossas caixas de correio na tentativa de atulharem a nossa veia consumista.

Pois é, em minha opinião, o jornal "O RIO" chegou à sua foz empurrado numa corrente que se adivinhava tempestuosa, e que obedece a uma lógica de anulação das diferenças, dado que ultimamente as suas páginas já eram pinceladas de artigos de opinião muito diversificados e que nada tinham a ver com a corrente oficial que lhe deu corpo, assistindo-se no entanto, em paralelo, à ausência de alguma publicidade que os diversos órgãos autárquicos costumavam polvilhar as suas páginas, canalizando-a agora para outros pasquins que ainda vão "obedecendo à voz do dono".

Por isso, e como se obedecessem a um toque de retirada e impossibilitados intelectualmente de acompanharem a evolução do jornal com a produção de artigos que primassem pela isenção e qualidade, os "escritas do regime" foram abandonando as páginas do jornal "O RIO", assim como alguma publicidade emanada das instituições autárquicas e de outras empresas a elas associadas (que é o sustento de qualquer publicação) que foi sendo cada vez mais rara, que preferiram "engrossar as fileiras" de outras publicações que reservavam pouco espaço ao debate de ideias e à livre expressão das opiniões, e que dedicam a maioria das restantes páginas à lógica mercantilista, mais parecen-

do um vulgar panfleto publicitário.

A isso não é alheio o lamento de Brito Apolónia quando diz que "nem todos os meses são de natal", numa alusão à falta de alguma publicidade (que considere intencional) que foi sentin-

parece ter-se afogado numa morte idêntica às que "cortam a raiz ao pensamento".

Em nome das pessoas que ao longo de oito anos se habituaram quinzenalmente a folhear as páginas do jornal "O RIO", por respeito pela diversidade de opini-

ões que os poemas sobre a liberdade e as denúncias da fome no mundo voltem a encontrar o acolcho das suas páginas, e que as notícias da vida das Associações culturais do concelho voltem a encontrar nas suas páginas o espelho das suas realizações, e volte a ser eco daqueles que no nosso concelho não têm voz.

Sim, que "volte dessa foz onde desaguou e que venha remar contra a corrente" pois será sempre bem vindo, mas que volte assente num outro projecto onde os cidadãos anónimos, os fazedores de opinião e a sociedade civil tenham nele uma intervenção, que não o deixe ficar prisioneiro das grilhetas do oportunismo seródio que sucumbiu nos escambros do Muro de Berlim, assim como de alguma publicidade traiçoeira que lhe "retirou o tapete" e que lhe tem servido ironicamente de garrote ao longo dos oito anos da sua vida. Volte, volte também com alguma "carolice" (que também é necessária) mas assente num corpo redactorial sólido onde cada um tenha as suas tarefas bem definidas e as responsabilidades distribuídas.

Por minha parte, que fui entre tantos um dos seus colaboradores com alguma regularidade, desejo que volte o mais depressa que poder, pois pode continuar a contar sempre comigo dentro daquilo que sei, e do que tenho para dar, que são, através dos meus escritos, a denúncia da arrogância primária de quem se assume como dono do pensamento humano, e contra as arbitrariedades dos vários poderes que tentam amordçar a vontade colectiva e individual dos cidadãos.



do ao logo dos anos, de nada valendo algum "favor jornalístico" pontual a que se sujeitava, o seu esforço de oito anos de "carolice", a prestação dos diversos colaboradores que tentaram fazer das suas páginas um jornal mais plural, e de alguma publicidade mais fiel, que não evitaram que "O RIO" chegasse à foz onde

ões que nele foram emergindo e por respeito pela cidadania que ajudou a cimentar contra um certo jornalismo de "pensamento militarizado", espero que a interrupção da sua publicação não seja eterna, e que volte para que nele voltemos a exprimir a nossa indignação pelas desigualdades que se vão acentuando no país,

## A "Vitória dos Puros"



Vítor Barros  
Baixa da Banheira

Foi com estupefacção que recebi, pelo seu director, a informação do término do RIO.

Não fiquei surpreendido pela revolta do Sr. Brito Apolónia. Como poderia ficá-lo? Então não se sabia que ele era pessoa não grata no PCP?

Ainda me lembro, nos tempos da militância nesse partido, da desconfiança que tinham nele. Um dos "donos do PCP" da Baixa da Banheira, chegou a pô-lo em questão, pe-

lo facto do Chora, recentemente saído do Partido, escrever nas páginas desse jornal. Eu pertencia à Assembleia dos militantes do PCP, na Baixa da Banheira, e insurgí-me contra isso. Defendi mesmo que o jornal devia continuar com a linha de independência que o caracterizava. Até era útil para o PCP. Mas os ortodoxos do

PCP nunca tal aceitaram. Mais: isto era uma afronta. Não podendo dobrar a liberdade de Sr. Brito Apolónia, começaram a boicotar o jornal. Apoios da Câmara, zero; das juntas de freguesia, idem.

Repare-se que, o funcionário do PCP, Valdemar, membro do Comité Central, só escrevia no *Jornal da Moita*. Também o Nuno

Cavaco e outros escritas do partido só o faziam neste jornal. Raramente no *Rio*.

Como é que um partido com gente desta, adeptos do pensamento único, pode ter qualquer credibilidade?

Estão de parabéns os órgãos autárquicos do concelho. Continuem assim. Os imbecis agridem.

# Em memória de O RIO I

AV1 in Blog

alhosedrosaopoder.blogspot.com

O jornal *O Rio* e o seu director Brito Apolónia estão directamente ligados à origem e manutenção de um dos pseudónimos que usei durante algum tempo aqui no AVP.

Vou contar-vos porquê, agora que é hora de fazermos um balanço dos seus oito anos de vida.

A minha relação com o *O RIO* foi durante muito tempo de mero leitor ocasional.

Quando criámos o AVP, nunca pensámos que os nossos textos tivessem grande audiência ou divulgação, pois apenas eram um divertimento.

Com o passar do tempo, começámos a descair para assuntos mais sérios e, a certo ponto, o meu colega co-editor achou que uma das minhas prosas estava acima de medíocre e propôs-me que a enviasse para o mail de *O RIO*.

Quem andou por aqui nessa altura, sabe que ainda não existia AV1 nem AV2, apenas pseudónimos de circunstância usados por nós ou por um ou outro colaborador que não queria ver a sua verdadeira identidade revelada.

Foi então que decidi fixar o nome de António da Costa para a autoria de certo tipo de textos e graças aos bons ofícios de um antigo colaborador de *O Rio*, bem conhecido do seu director, foi estabelecido o contacto para a publicação de um texto originalmente pensado para o AVP.

Como seria de esperar o sr. Brito Apolónia pensou que esse antigo colaborador seria quem agora se acoitava no nome de António da Costa e quando foi informado que assim não era, ficou naturalmente curioso sobre quem seria essa ave rara que agora aparecia a escrever que nem um desalmado, zurrindo a oito.

Achei que nada de mais regular do que apresentar-me nos devidos termos a quem solicitava espaço na sua publicação.

Combinou-se um breve encontro e assim fomos apresentados, sendo que essa revelação voluntária da minha identidade só voltou a acontecer com as duas outras pessoas do meio bloguístico local.

A partir de então, produzi mais alguns textos que enviei

Nº 174 ❖ 1 a 15 de Abril de 2005

o rio 11



## A Memória

**A nossa memória dos acontecimentos passados nunca é objectiva e nunca consegue retratar de forma exacta o que se passou, sendo isso ainda mais grave quando se trata de fazer a interpretação desses mesmos acontecimentos, extrair-lhe um sentido e relacioná-los na sequência de tudo o que os antecedeu, buscando-lhes as causas próximas ou profundas, e lhes sucede, tentando perceber se o que veio depois a ocorrer já estava mais ou menos predeterminado.**

Porque estivemos envolvidos directamente no que se passou e esse envolvimento perturbou a nossa percepção, ou porque não fomos testemunhas directas e dependemos dos relatos de outros, a reconstrução de momentos marcantes do passado histórico acaba por resultar de uma construção feita pela nossa memória, que selecciona e combina diversos elementos, de acordo com padrões condicionais por questões afectivas ou por motivações particulares.

No caso de acontecimentos tão relevantes e simbólicos como o 25 de Abril de 1974 este fenómeno de construção da memória assume ainda maior importância porque, aos aspectos individuais, acrescem os elementos culturais, ideológicos e políticos que pretendem condicionar a forma como será transmitida e preservada essa memória colectiva, que se torna assim motivo e palco de acena disputa por parte dos diferentes grupos, ideológicos e não só, e a(s) agenda(s) daqueles que pretendem tornar-se os guardiões preferenciais da memória.

A (re)construção da memória torna-se, em



grande parte, uma estratégia de legitimação da posse do Poder por um determinado grupo que, por essa via, procura demonstrar como a situação presente estava já definida geneticamente nas acções (positivas) do passado.

Isto verifica-se com eventos e datas simbólicas como a Restauração (1 de Dezembro de 1640) ou o

25 de Abril de 1974, e é interessante analisar, por um lado, o ênfase colocado nos diferentes protagonistas dos acontecimentos e, por outro, a composição daqueles que vão aparecendo como analistas de-

seis profundamente festiva e hegemónica fortemente por aquilo que se consideram as forças políticas da "esquerda" nacional, apresentadas como directas herdeiras da oposição ao Estado Novo e, por isso mesmo, com um capital de legitimidade insuperável para apresentarem os acontecimentos de Abril de 1974 como "seus".

Combinação entre protagonistas e analistas. São os actores do que se passou que fornecem as principais leituras dos acontecimentos.

**1ª fase – O 25 de Abril como Insurreição**  
Com o passar do tempo, surge uma segunda geração de figuras, tanto como protagonistas como no papel de analistas. (Anos 80).

**2ª fase – O 25 de Abril como Evolução**  
Em seguida, temos a

4ª fase  
Ainda não atingimos o momento em que os actores desapareceram, deixando apenas os seus testemunhos que, já não sendo de viva voz, podem ser "pillhados" da forma mais conveniente possível e se tornam passíveis das mais variadas apropriações e simplificações. É o caso verificado, por exemplo, com o 3 de Outubro e o 25 de Maio, reduzidos no discurso comum actual, a acontecimentos de uma lógica, clara, simplicidade e linearidade que nunca tiveram.

para *O RIO*, assim ficou tacitamente consentido que *O RIO* poderia usar o que bem entendesse da nossa crescente verborreia.

O ponto alto da minha nossa passou, contudo, pelo caderno especial feito para comemorar os 31 anos do 25 de Abril, em que colaborei com gosto com um texto especialmente feito para a ocasião e só posteriormente usado em posts do AVP.

Durante todo este tempo, o director de *O RIO* nunca me levantou qualquer questão relativamente aos textos que lhe enviei. Sei que nos visitava e, quase instintivamente, detectava os comentários, embora poucos, que nos foi deixando.

Coincidência ou talvez não, o período que correspondeu a essa colaboração foi o mesmo que assistiu ao início da agonia do único órgão de comunicação social digno desse nome no cunhalho.

Os poderes (económico e político) instituídos no conceito começaram progressiva-

mente a não quererem ajudar *O Rio* a sobreviver, embora dele se tenham servido em outros tempos.

Preferindo paragens mais doces e pastagens menos ásperas, muitos opinadores bissexto acharam melhor assentar a sua tenda em outras publicações de contornos mais cordatos e adaptáveis aos ventos de cada ocasião.

A publicidade, comercial e institucional, seguiu o mesmo rumo, obedecendo à voz de comando dos donos, interessados no estrangulamento do projecto de independência do senhor Brito Apolónia.

Muitos dos que dele se desapegaram foram e são os mesmos que de nós não gostam nem um bocadinho.

Muitos dos que dele se usaram para se destacarem individualmente e fazerem o seu nome e cara serem conhecidos pelo vulgo, quando alcançaram os seus objectivos deixaram de o considerar útil.

Outros ainda foram-se mantendo, mas cada vez mais dis-

taentes.

A esse conjunto de gente que convive mal com as diferenças de opinião começámos aqui a designá-los como defensores do Pensamento Único e são todos aqueles que gravitam directamente em torno do poder político local, que dele recebem o seu estipêndio mensal ou que com ele estabelecem relações comerciais, financeiramente compensadoras.

A outros, não tão ligados à Situação, mas que gostam de manifestar as suas discordâncias de forma cordata, domesticada, convencendo-se a si mesmos que o vazio de conteúdo pode ser encoberto com um ou outro recurso de estilo da forma, passámos a chamar os arautos do Politicamente Correcto. Também eles sabem que, se levantarem muito a voz, podem ser integrados na lista negra e lá se podem escapar umas oportunidades de apoio a isto ou aquilo.

Ao contrário de todos eles, aqui no AVP nunca procurámos que a nossa escrita e colaboração nas páginas de *O RIO* fosse um

veículo para mais nada do que a difusão das nossas ideias. Por isso sempre usámos pseudónimos, porque não queremos que nos batam nas costas, nem com palmadinhas amigas nem com marretas pesadas.

Na sua penúltima edição de sempre, o sr. Brito Apolónia usou no espaço que normalmente reservava para si na página 2, um texto meu, feito na sequência de o ouvir dizer que *O Rio* ia fechar as portas no início de 2006, para poder fechá-las de cabeça erguida e com as contas direitas.

Foi a maior honra e o maior elogio que nos podia ter feito. Não podemos, de forma alguma, substituir o papel que *O RIO* desempenhou desde 1997.

Mas podemos honrar a sua memória. E é isso que faremos, pausadamente, ao longo dos próximos dias, pensando mesmo dedicar-lhe um especial no ultimamente inactivo *Alhos Vedros Visual*.

Porque nós temos memória e não gostamos que a apaguem impunemente.

## Muito lamurientos

AV1/AV2 in  
alhosvedrosaopoder.blogspot.com

Apesar do nosso amigo Conde, achar que andamos muito lamurientos por causa de *O Rio*, nós achamos que o fazemos por uma boa causa, pois não me parece que a alguém que não um punhado de calhaus (e não me refiro à família de alhosvedrosenses do dito nome) o dito fim agrade.

Os argumentos do Conde são escassos, pois o pagamento de 50 cêntimos pelo jornal é equivalente ao preço médio de uma bica e a uma mão mal cheia de cigarritos.

Quanto ao facto de as opiniões que lá vinham não interessarem, pois é... é o que se arranja(va) por aí até aparecem os blogs, mas se havia melhor onde se podiam ler?

Mas isto é apenas uma introdução para anunciarmos que a equipa do AVP esteve a juntar

as suas colecções do dito jornal, sendo que uma está completa e a outra ainda tem umas largas dezenas deles, fora os exemplares em triplicado, pelo que podemos verificar com todo o detalhe quem escreveu o quê, quando e com que argumentação.

Por enquanto, apenas anunciamos uma antologia de alguns números simbólicos (o nº 0, o nº 100 e todos os de início de ano), onde já é possível encontrar muito material de grande interesse.

Este fim de semana iremos atirar-nos ao nº 0, de 1 de Novembro de 1997 onde já se encontram várias caras nossas conhecidas e recentes protagonistas das eleições e não só, enquanto também se conseguem alinhar alguns *desaparecidos em combate*, por razões mais ou menos (des)conhecidas.

Depois logo se vê para o que haverá tempo.

## Exemplo de democracia

Luís Guerreiro  
Alhos Vedros

O Sr. Brito já me tinha dito, mas eu recusei a acreditar, foi com muito pesar que fiquei a saber da suspensão de *O RIO*, o pensamento único tem motivos para estar feliz, com menos este meio de comunicação livre e independente, mas outras vezes se irão ouvir, o exemplo de democracia que *O RIO* nos ensinou, já tem descendentes.

O poder seja ele qual for, gos-

ta apenas de se fazer ouvir, mas haverá sempre alguém disposto a lutar para que a sua voz seja também ouvida!

Muito obrigado por tudo o que fez por mim e pelos Arquivos Guerreiro, sempre a considerá-lo Sr. Brito!

A Luta Continua!

**PS:** O Deleí está em viagem e ainda não o pude contactar, nem sei se ele virá aqui ou não, assim que poder comunico-lhe do encerramento de *O RIO*.

## Reconhecimento

António Gonzalez

Espero vê-lo de novo num projecto editorial.

## O Rio Antologia

Presentemente, o Blog *alhosvedrosaopoder.blogspot.com* está a fazer uma análise antológica da

vida do jornal *O RIO*, fazendo-a exactamente pelo princípio, ou seja pelo nº zero do jornal.

## A quem serve a falta de informação?



Vitor Cabral  
Vereador da CMM  
(em substituição)

O Jornal "*O RIO*" em 8 anos de vida, com a sua equipa redactorial e o seu director, o Sr. Brito Apolónia, criaram raízes bem fundas no concelho da Moita, e em especial na freguesia de Alhos Vedros.

Certamente que não agradavam a todos, de certeza que muitos não se identificavam com a sua linha editorial ou alguns artigos de opinião que apareciam lá escritos. Contudo, era um espaço aberto para a vida comum do dia a dia, das nossas instituições, das nossas colectividades.

Não sou pessoa de escrita useira e fácil. Escrevo quando o assunto me incomoda, me entusiasma ou me espicaça. E, nas páginas de "*O RIO*" tive oportunidade de quando o solicitei ter abertura para transmitir ideias.

Também muitas das activida-

des em que participei foram ali devidamente noticiadas. Muito concretamente a SFRUA e o Carnaval de Alhos Vedros ali encontraram palavras de apoio e estímulo. Aqui lhes agradeço.

A quem interessa a informação serve a falta de? Num concelho a 30 Km da capital, vamos ficar só com o Boletim da CMM e a Agenda Maré Cheia? Ou as edições de jornais pagos pela CMM com distribuição gratuita nas Feiras de Maio e Festa da Moita?

É deprimente o panorama da divulgação da vida das nossas colectividades.

A nível não oficial só o Jornal da Moita vai divulgando algumas iniciativas. Já a nível das autarquias o panorama é pior.

Mesmo a nível da Internet, actualmente, o Site da CMM e a página relativa às Colectividades é um autêntico zero, e, por exemplo, a Junta de Freguesia de Alhos Vedros nem site tem.

Com os meios que a CMM dispõe, facilmente criaria uma página onde essa divulgação fosse possível, em/ou com a colabo-

ração das Juntas de Freguesia.

A experiência que o Sr. Brito Apolónia acumulou como jornalista não pode ser desperdiçada. Porque não aproveitá-lo, por exemplo, para o lançamento de um Jornal digital no concelho?

A CMM o seu Presidente não terá disponibilidade e interesse em encontrar soluções que impeçam este vazio? E porque não uma avença para apoiar assim um projecto inovador?

Certamente que o *lobby* da informação tem tanto ou mais importância que o *lobby* dos toiros. Então, talvez, aproveitar o dinheiro da avença atribuída a um toureiro caído em desgraça, e aplicá-lo numa área bem mais necessária. Todos ficaríamos a ganhar.

De outro modo, a informação do que acontece no concelho fica mais reduzida.

Nós só sentimos verdadeiramente a falta quando alguém ou algo desaparece.

Também nesta área no concelho, esperam-nos 2 a 3 anos muito "cinzentos".

"A luta continua".



## É na foz que O Rio se alarga

Adriano Encarnação

Caro Amigo Brito Apolónia, É com tristeza que leio a suspensão do jornal *O RIO*, facto que me faz reportar ao seu início e à grande utilidade no serviço da cultura e do desporto, da política, da vida local e no

fundamental da abrangência de ideias, factor que me tornou num defensor desta linha de escrever e reproduzir em independência e liberdade (objectivo porque muito lutámos).

*O RIO chegou à foz, é na foz que ele se alarga e expande. Também na foz pode ganhar braços*

... e força!

Sempre admirei o seu trabalho e acreditei nele.

Por estas razões, estou incondicionalmente ao seu dispor para qualquer estratégia que seja estabelecida para dar continuidade a *O RIO* de todos nós.

Com um caloroso abraço!

Consulte o sítio de  
O RIO  
na Internet em:

[orio.no.sapo.pt](http://orio.no.sapo.pt)



# O RIO

Quinzenário Regional Independente



Nº 190

15 a 31 de Janeiro de 2006

## Em memória de O RIO II

*Manuel Pedro*  
Moita

Foi em 1999 que publiquei o meu primeiro texto no *RIO*, o Sr. Brito respeitou e apoiou-me quando lhe disse que desejava manter o anonimato, inclusive deu-me a ideia para o heterónimo de Manuel Pedro, que eu primeiramente tinha pensado ser Manuel Portugal, segui o seu conselho e fui escrevendo diversos textos sobre diversas situações que aconteceram nesse ano e nos anos seguintes.

O Sr. Brito nunca me censurou nenhum texto e sempre me deu um espaço do *RIO* para publicar a minha prosa.

O anonimato que resolvi adoptar não foi para mim uma questão de me esquivar às réplicas que me poderiam ser feitas na altura e o foram efectivamente,

mas apenas uma forma de poder exprimir-me, sem tabus partidários quando ainda estava no poder o governo PSD/PP. Achei que teria o dever de mostrar uma visão particular sobre os acontecimentos que ocorreram nessa época, numa visão de esquerda, talvez até próxima do verdadeiro comunismo e por isso muito abrangente, mas também muito idealista.

Ideologicamente, poderemos situar o Manuel Pedro entre a Social-Democracia e o Anarquismo o que sempre me fascinou, devido a leituras do jornal Anarco-Sindicalista, "A Batalha", ou da revista Anarquista, "Renovação", dos princípios do séc. 20.

Penso que é possível uma transição da Social-Democracia para o Anarquismo, seguindo uma política da redistribuição da riqueza dum maneira mais

favorável aos mais necessitados.

Este Anarquismo da abundância, teve seguidores na corrente literária dos "Sci-Fi Libertarians", mas remonta a Kropotkin.

Sou apologista de que os Países que têm mais devem dar aos que têm menos e devem dar já!

A nossa sociedade humana criou até agora extremos de pobreza e de riqueza que fazem com que não seja possível uma evolução global do planeta Terra.

Os humanos são actualmente a única espécie dominante, por isso temos responsabilidades para com o equilíbrio ambiental, ecológico e espiritual no planeta Terra, se não tivermos consciência disso ou menosprezarmos o ecossistema planetário a que pertencemos, a nossa espécie não criará condições para sobreviver e será exterminada,

como foram outras espécies dominantes.

Só partindo do princípio de que somos uma espécie e não um conjunto antagónico de diversas Raças é que poderemos sobreviver. Naturalmente acho que Trotsky tinha razão, quando se referia a que a Revolução tem de ser Mundial, só que não se pode fazer uma Revolução para implantar uma ditadura, por isso não acredito no Poder, mas acho que ele tem de existir até existir uma sociedade humana auto-suficiente e que gere e distribua riqueza suficiente para alimentar toda a Humanidade.

Os textos publicados em *O RIO* por Manuel Pedro nunca sofreram nenhuma crítica destrutiva por parte do Sr. Brito, embora os comentasse em particular comigo.

Alguns foram bastante políti-

camente incorrectos, como por exemplo no caso do "Imposto Taurino Moitense".

Tal independência e o sentido de poder estar além das pseudo-prioridades partidárias, talvez tenham feito do projecto "*O RIO*", um projecto supra-partidário e demonstrativo duma sapiência fora do comum por parte do Sr. Brito e bem demonstrativo das potencialidades da ala do PCP que ele integra e representa.

Um grande bem haja para esse Homem que criou um **journal de referência e de resistência**, dentro e fora do actual concelho da Moita.

O PCP deveria ter orgulho neste seu militante e não se deixar transformar nesta coisa sem sentido que é o actual poder camarário no concelho da Moita.

## Colaboração mútua profícua

*Luís Cruz Guerreiro*  
Alhos Vedros

O Sr. Brito Apolónia e o Sr. Lourivaldo Guerreiro tocaram à campanha da minha Oficina de Azulejaria, nos princípios de Março de 1998, para me fazerem uma entrevista sobre o meu trabalho.

O RIO tinha começado a fazer uma série de reportagens a Artistas e Artesãos do Concelho e eu fui um dos seus escolhidos.

Na sequência dessa entrevista, propus ao Sr. Brito a minha colaboração com O RIO, a tal colecção de cromos, que seriam publicados na última página do jornal, aproveitei o facto de nessa altura *O RIO* ser impresso além do preto também em azul, para jogar com essa cor, que também era a cor dos azulejos que eu pintava e entregava quinzenalmente.

Foram 24 painéis de dois azulejos com "Imagens do Concelho da Moita", escolhidas e muitas fotografadas por mim, da sua

digitalização e entrega em mãos numa disquete, que o Sr. Brito vinha recolher à minha Oficina, para sair impressa na edição do jornal todas as quinzenas. Foram dois painéis por mês, durante um ano de produção para este projecto comum.

Em troca dos painéis, *O RIO* publicou a minha publicidade no verso dos cromos e também três edições da caderneta, uma onde seriam coleccionados e duas com a colecção completa.

Em complemento, também um painél maior, especialmente feito para este projecto foi sorteado entre os leitores de *O RIO* e oferecido a um leitor da Baixa da Banheira, o Sr. Manuel Pereira Soares, assinante n.º 057 do RIO.

Na edição n.º 38, foi publicada em Suplemento, a caderneta com a colecção completa em bom papel, que ainda hoje distribuo aos clientes nas Feiras em que participo e também na minha Oficina, onde ainda tenho

algumas dezenas.

Para culminar em 26 de Novembro integrado no certame "Artes e Ofícios", os painéis foram então exibidos num Stand cedido para o efeito pela CMM naquela que seria uma inédita colaboração entre um Jornal e uma Azulejaria Artística!

Em 2001, criei um projecto utópico, os "Arquivos Guerreiro", em que pretendia mostrar numa Galeria o trabalho de Artistas que eu convidava e onde não havia da minha parte uma intenção de lucrar com percentagens sobre os trabalhos que apresentavam, mas apenas a divulgação do que eu achava digno de mérito.

Foi muita carolice e muito querer fazer!

Expus três vezes o Delel, Artista amigo Brasileiro, a Nanda, Cinco Artistas saídos da Oficina D'Artes da CACAV, o Jorge Fernandes e uma Exposição minha sobre o 25 de Abril em 2001, em todos os eventos o Sr.

Brito esteve presente, noticiando para *O RIO* e publicando inclusive publicidade às Exposições gratuitamente.

O projecto dos Arquivos Guerreiro, como Galeria independente sem fins lucrativos, terminou em 2004 e neste momento serve-me como Galeria pessoal, mas se este projecto tivesse tido os apoios da CMM e da JFAV, nem que fosse só divulgando os eventos, penso que teria vingado, porque quando a CACAV fez aqui a sua Exposição o evento foi muito participado... mas, tudo isto faz parte das condicionantes de se viver neste concelho que é muito ingrato para alguns e muito grato para outros. Infelizmente sinto que me está a acontecer a mim o que aconteceu a *O RIO*. A extinção por falta de apoio.

Mas como disse o Conde, parem-se as lamúrias e vamos para a frente atingir a modernidade!

Que Viva o Sr. Brito Apolónia, que Viva *O RIO*.

